



Literatura brasileira ganha um novo romancista

Adelto Gonçalves

I
Depois de incursionar por outras áreas do pensamento, como poesia, crônicas, estudos biográficos, História e obras jurídicas, o professor e advogado David de Medeiros Leite (1966), mestre e doutor em Direito pela Universidade de Salamanca, na Espanha, começa agora promissora carreira como ficcionista, com o lançamento de *2020*, romance escrito na primeira pessoa, que procura resgatar a vida de um personagem que viveu num convento entre 1963 e 1968.

Esse personagem, José Silvestre de Araújo, nascido e criado em Pedras de Fogo, município da região metropolitana de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba, seria levado já moço por um tio para Recife, onde ingressaria numa ordem carmelita, o Convento do Carmo, tradicional estabelecimento religioso de Pernambuco. Lá, teria a oportunidade de tentar concretizar um sonho da infância, surgido depois de ouvir muitas lendas contadas por parentes e conhecidos: encontrar uma botija que estaria enterrada em determinado lugar, escondida por um frade da ordem carmelita.

Escrito em linguagem madura que faz esperar outras incursões do autor na área da ficção, *2020* presta também uma homenagem ao historiador e antropólogo Câmara Cascudo (1898-1986), a quem frei José de Santo Elias, nome religioso do protagonista, recorreria na tentativa de encontrar pistas para localizar a tal botija, que, afinal, nunca seria achada.

Aliás, as ligações do autor com Câmara Cascudo já são antigas, pois, aproveitando o tempo que passou em Salamanca fazendo mestrado e doutorado em Direito, ele conseguiu localizar na Casa-Museu de Miguel de Unamuno (1864-1936) uma carta em que o historiador português se solidarizava com o pensador espanhol em razão do “banimento” sofrido este por sua oposição à ditadura do general Primo de Rivera (1870-1930), que durou de 1923 a 1930.

No romance também aparece a figura de Dom Hélder Câmara (1909-1999), bispo católico, arce-

bispo emérito de Olinda e Recife, um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e grande defensor dos direitos humanos durante a ditadura militar (1964-1985).

II
Misturando história e ficção, *2020* recupera também fatos ocorridos em 1968, ano em que houve um *endurecimento* por parte do regime militar, com perseguições a líderes políticos e homens de pensamento. Mas, a rigor, o romance gira em torno do Convento do Recife, como é mais conhecida aquela instituição, e sobre a presença de carmelitas em Mossoró, município localizado na região Oeste do Rio Grande do Norte, sem deixar de recuperar um fato que até hoje desafia a memória dos mossoroenses mais antigos, ou seja, um crime ocorrido naquele ano de 1968 no Grande Hotel, até hoje nunca esclarecido.

Depois da vida religiosa, Silvestre de Araújo assumiria a profissão de carteiro, viajando, certo dia, a Mossoró para visitar as ruínas da Casa do Carmo, que seria o local onde estaria escondida a botija. Em suas lembranças já como carteiro aposentado, o protagonista não deixaria de recordar as perseguições sofridas pelo acoso do desejo sexual, depois de conhecer Marília, recepcionista de um hotel em Mossoró, diante da promessa que fizera de não romper o celibato.

Em resumo: escrito em estilo leve, que atrai a atenção do leitor desde a primeira linha, *2020* é romance que veio para ficar não só na história da ficção do Rio Grande do Norte, mas da Literatura de expressão portuguesa. E que já foi saudado pelo poeta peruano Alfredo Pérez Alencart, radicado como professor universitário em Salamanca desde 1987, que, inclusive já traduziu para o espanhol um livro de David de Medeiros Leite sobre aquela mítica cidade espanhola.

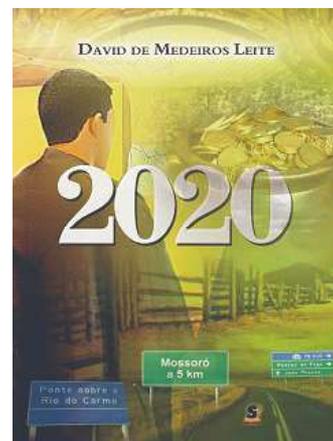
Do romance do advogado português, “escritor que vai abrindo sua própria senda nos diferentes deltas da literatura”, Pérez Alencart diz que se trata de uma história bem trabalhada, com diálogos bem construídos, com ritmo cadencioso que permite leitura fluida. “Há reflexões que

configuram a condição humana em todos os tempos e lugares, como, por exemplo, quando o protagonista comenta: “Ah, a inveja! Quão subjetiva e, por vezes, imperceptível! Depois de um comentário sobre a brilhante homília proferida por nosso Provincial, percebi, na reação de alguns frades, esboços de inveja. O elogio mesclado com ironia deduz inveja, com certeza” (pág. 74).

III
Nascido em Mossoró, David de Medeiros Leite, graduado em 1999 pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), é também gestor com atuação em diversos cargos na administração pública e professor da UERN desde 2004, onde desenvolve pesquisas, especialmente na área de Direito Público.

Foi pró-reitor de Gestão de Pessoas na UERN e é assessor jurídico da presidência do Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Norte. Foi ainda diretor-científico da Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado do Rio Grande do Norte (Fapern). Em 2005, em parceria com o escritor Cláudio Arcanjo, criou a editora Sarau das Letras. Além de livros de poemas, tem publicado biografias e livros de crônicas e de História com temas ligados ao Nordeste, em especial à cidade de Mossoró.

É autor de *Companheiro Góis – dez anos de saudade*, biografia (Coleção Mossoroense, 2001), *Os carmelitas em Mossoró*, em coautoria com Gildson Souza Bezerra e José Lima Dias Júnior (Coleção Mossoroense, 2002), *Ombudsman mossoroense* (Sebo Vermelho, 2003), *Duarte Filho: exemplo de dignidade na vida e na política*, biografia, em coautoria com Lupércio Luiz de Azevedo (Sarau das Letras, 2005), *Incerto caminhar* (Sarau das Letras, 2009), *Cartas de Salamanca* (Sarau das Letras, 2011), *Casa das lâmpadas* (Sarau das Letras, 2013), *Mossoró e Tibau em versos* – antologia poética, em coautoria com Edilson Segundo (Sarau das Letras, 2014), *Mi Salamanca: guia de um poeta nordestino*, com tradução e prólogo de Alfredo Pérez Alencart (2018), *Aldeamar Duarte Leite: centenário de nascimento*, biografia (2018), e *História da Liga Operária de Mossoró*, em



coautoria com José Edilson Segundo e Olivá Leite da Silva Júnior (2018).

Em 2015, lançou *Ruminar (Ruminar)*, livro de poemas em edição bilingue, pela Editora Sarau das Letras, de Mossoró, e Trilce Editores, de Salamanca. Em 2017, publicou ainda *Rio de Fogo*, coleção de vinte poemas, com 40 fotografias do magistrado Bruno Lacerda que mostram aspectos da cidade de Rio de Fogo, localizada na região Norte do Rio Grande do Norte.

Na área de Direito, é autor ainda de *Presupuesto participativo en municipios brasileños: aspectos jurídicos y administrativos* (Editorial Académica Española, 2012) e *Participação política e cidadania – Amicus Curiae, audiências públicas parlamentares e orçamento participativo*, em coautoria com José Armando Pontes Dias Júnior e Aurélio Carta Queiroga da Silva (2018).

2020, de David de Medeiros Leite, com apresentação de Humberto Hermenegildo, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. *Mossoró: Sarau das Letras*, 234 páginas, 2020. E-mails: clauderarcujo@gmail.com davidmleite@hotmail.com

Adelto Gonçalves é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela USP. Autor de Os Vira-latas da Madrugada (Letra Selvagem), O Reino, a Colônia e o Poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo 1788-1797 (Imesp), entre outras obras. marilizadelto@uol.com.br



Naufragar sem cores

Rosani Abou Adal

São Paulo sem abrigo e cobertas,
extasiada com sua própria solidão.
Sem bandeira e mastro,
jogada a sua própria sorte,
a viver como o Brasil
sem símbolo e nação.
País sem rumo a naufragar
- entre o Pico da Neblina
e os Pampas sem seringaís -
repleto de fome e de sonhos
jamais conquistados e alcançados.
Sem direção, sem rumo,
sem partido, sem cores e voz.
Promessas inalcançáveis
de ser o que nunca foi.
Sem identidade nunca será?
Cores vazias clamam pelo céu azul.

Rosani Abou Adal é jornalista, poeta, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*. www.poetarosani.com.br

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00
Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0
- agência 0719-6 - Banco do Brasil
Envio de comprovante, com endereço completo, para
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

MARXISTA, DA LINHA GROUCHO

Edmilson Caminha

Se há felicidade maior do que rir... é fazer rir, alegrar as pessoas, torná-las a vida menos dura, menos séria, menos má. Ainda que só os amigos, os colegas, e já sentiremos que Deus nos abençoou com sua graça (no sentido, também, do humor). Divertir multidões em todo o mundo será, então, privilégio de poucos escolhidos, gênios como Charles Chaplin, Harold Lloyd, Buster Keaton, O Gordo e o Magro, Cantinflas e os Irmãos Marx, para quem o paraíso devia ser redondo e coberto de serapagem, como o picadeiro de um circo. Essa, a razão pela qual chamar os políticos de palhaços, e suas baboseiras de palhaçadas, sempre me soou como falta de respeito aos palhaços, naturalmente, homens e mulheres que ganham a vida com dignidade, merecedores, portanto, da nossa admiração e do nosso reconhecimento.

Entre os gigantes da comédia, em todos os tempos, prefiro Groucho, ou melhor, Julius Henry Marx, judeu (também pudera, com esse sobrenome!) de Yorkville, no Upper East Side de Nova York, que com os irmãos Chico, Harpo, Gummo e Zeppo (sobretudo com os dois primeiros) começaria nas peças de "vaudeville", a quatro dólares por semana mais quarto e comida, para terminarem, os três, donos de milhões de dólares, como os mundialmente famosos Irmãos Marx. É a impressionante história contada na autobiografia "Groucho e eu", publicada no Brasil com tradução de Maria José Silveira. Depois saíram, dele, as "Memórias de um amante desastrado", traduzidas por José Simão e Bira Borges.

Com o grande e falso bigode que parecia pintado a carvão, o andar meio agachado, o sobe-e-desce das sobrancelhas e o longo charuto no canto da boca, Groucho surpreende os que não o conhecem, ao escrever, entre piadas muitas vezes sobre si próprio, coisas que tocam pela sabedoria e pela seriedade: "Meu palpite é que não existem cem grandes comediantes profissionais, masculinos ou femininos, no mundo inteiro. Eles são uma mercadoria mais rara e valiosa do que todo o ouro e pedras preciosas do mundo. Mas como riem de nós, não acredito que as pessoas realmente

compreendam como somos essenciais para a saúde delas. Se não fosse pelo breve descanso que damos ao mundo com nossa insensatez, veríamos suicídios em massa (...)" De vez em quando, impressiona pela franqueza: "O sucesso permanente no "show business" é imperdoável. (...) 'Bravo' é uma palavra maravilhosa quando a gritam para você, mas um galardão dos mais perturbadores quando dirigida a um concorrente. (...) Ninguém fica completamente infeliz com o fracasso do seu melhor amigo."

Prestes a filmar "Uma noite em Casablanca", Groucho, Harpo e Chico são avisados pelos Irmãos Warner, donos de uma das mais poderosas empresas cinematográficas de Hollywood, de que o nome "Casablanca" era propriedade deles, como produtores do célebre filme com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman. A carta de Groucho, em resposta, é hilariante, um primor de irreverência e de criatividade: "Vocês reivindicam a posse de Casablanca, e que ninguém mais possa usar esse nome sem sua permissão. E quanto a 'Irmãos' Warner? Vocês também são proprietários desse nome? Provavelmente vocês têm o direito de usar o nome Warner, mas e 'Irmãos'? Profissionalmente, éramos irmãos antes de vocês (...) e mesmo antes de nós houve outros irmãos - os Irmãos Smith, os Irmãos Karamazov (...)"

A última parte das "Memórias de um amante desastrado" é "A filosofia marxista, segundo Groucho", em que declara: "Eu gosto é de fazer barulho. A campanha 'Marx para Vice-Presidente' nunca teve meu apoio, nem chegou muito longe. Foi lançada por um obscuro californiano, politicamente inexperiente e, por acaso, bêbado". Diz que, ao perguntar-lhe por que deveria concorrer ao cargo, teve a explicação: "Porque o vice-presidente geralmente fica de boca calada, o que poderia ser uma experiência interessante para você."

Por essas e por outras, sempre fui marxista. Da linha Groucho, claro.

Edmilson Caminha é escritor, jornalista e professor. Membro do Observatório da Língua Portuguesa (Lisboa, Portugal), da Academia Brasileira de Letras e da Associação Nacional de Escritores.



OS VERDADEIROS POETAS

Ely Vieitez Lisboa

Os poetas são seres especiais que captam mistérios. Eles têm antenas e olhos mágicos que tudo veem, além da superfície das coisas. E mais: são plasmados na ousadia, têm um DNA de heróis. Alguns seres líricos ousam fazer poemas doces, pregando a filosofia pobre do consolo. Eles parecem ignorar que a vida é luta renhida, é guerra constante entre a dor e o sofrimento. Esses falsos heróis sempre caem no esquecimento e suas obras jamais permanecem.

Há, no entanto, os poetas ousados, que, além de olhos de raio X, têm a coragem de denunciar. Este é o caso de Rosani Abou Adal. Parece inacreditável que aquela mulher de aparência doce e frágil, é uma guerreira ousada. Reconhecida pela sua obra, premiada, traduzida em várias línguas, lançou em 2019, *Manchetes em Versos*, Editora Linguagem Viva, São Paulo. O livro machuca, fere como faca afiada, com seus dísticos, recados e manchetes, que denunciam um mundo cruel. Citando: Ninguém para amar / nem mesmo Narciso; Mãos sedentas de carinho / ninguém para acariciar. Ninguém para / dividir a fome. Nenhum amigo / para dividir / a dor e o pão. Mesa sem pratos / nem migalhas / despidida da própria fome. Abandono / e a embriaguez / da própria alma. Criança descoberta / dormindo na calçada. / Ninguém para aquecê-la / nenhum cachorro sem dono. Amor solitário / de um rebento / sem lar / sem pátria. Incêndio na floresta: Flora, fauna, / Animais / em extinção. Idoso a morrer só / no leito do hospital. Bolsos vazios / Nada na alma. Fraternidade solitária, / ninguém estende a mão / para o irmão. Passarinho mudo preso na gaiola. Andorinha a procurar / o bando que já se foi. Passarinho / sem penas / a morrer de frio. Cachorro a latir / de barriga vazia. Ninguém / para dividir sonhos / o lençol frio e distante. Orgasmo solitário / sem cheiro / sem sabor. Cupins



devoram / livros intocáveis / na estante. Gaveta / o flagelo do poema. Nocaute certo: Direitos do povo / em retalhos. Poder e ganância / a destruir sonhos. A vida num sopro / acolhe a morte. Planalto sem palácio, / o povo em transe / sem governo. O povo oprimido / desperta a voz / presa na garganta. Cortes de verbas / na Cultura e Educação / alimentam beócios. Cortes de verbas / na Saúde, hospitais em agonia. Sementes brotam / entre os concretos / flores humanas / nascem e florescem.

Nas orelhas do livro, a grande Raquel Naveira traz mensagem preciosa, reconhecendo o indiscutível valor da obra. Após a leitura realmente sentimos um grande desalento, mas talvez seja este o único caminho: a denúncia. Quem sabe possamos colher algum fruto, surgir um homem público (ou vários), que tenham o poder de mudar, fazer deste país, um mundo decente, sem miséria sem fome, sem grandes diferenças sociais. E aí os verdadeiros poetas (não seriam, por acaso, a voz de Deus?) teriam cumprido sua missão.

Ely Vieitez Lisboa é escritora, poeta, contista, crítica literária e autora do romance epistolar *Cartas a Cassandra*.

O menino que amava duas meninas

Fernando Jorge

Meu querido amigo Ronaldo Côrtes estava certo quando me disse:

– Após a publicação do seu romance autobiográfico *Eu amo os dois*, você vai receber muitas cartas das leitoras dessa obra. Elas vão expor, nas cartas, episódios de amores duplos, ocorridos com outras pessoas e com as próprias.

Eu disse ao Ronaldo, naquela ocasião:

– Acho que vou consultar você, todas às vezes, se receber essas cartas, porque Ronaldo Cortês é fino psicólogo, superior a mim, como analista de almas...

Ele riu e respondeu:

– Pode contar com a minha ajuda, embora você esteja exagerando.

Pois bem, acabo de receber uma carta que me deu a vontade de pedir ao Ronaldo a sua valiosa opinião. Reproduzo aqui um trecho da missiva:

“Conclui a leitura do seu romance *Eu amo os dois*, de cunho autobiográfico, pois nele o senhor é o personagem Rodrigo, segundo declarou na televisão. Eu me senti perturbada. Explico o motivo dessa minha reação.”

A leitora, cujo nome pediu para não ser revelado, prosseguiu assim:

“Tenho 25 anos, sou de uma família rica, e moro numa ampla e bela casa do bairro do Morumbi. Quando eu estava com 14 anos, eu e a minha irmã, de 12 anos, fomos colegas, na escola, de um lindo menino louro de treze anos. Ele sempre nos procurava e chegamos, várias vezes, eu, a minha irmã e ele, a ir juntos ao cinema.”

Em seguida a autora da carta explica que o menino, beijando as

duas, ela e a irmã, confessou amá-las de maneira igual e queria, no futuro, casar com ambas, simultaneamente. A autora da carta reagiu:

– Você é louco? Eu e a minha irmã gostamos muito de você, porém só poderia se casar com uma de nós.

Aí o menino respondeu, sem se atrapalhar:

– Se eu gosto de vocês duas, de modo igual, tenho o direito de casar com vocês. Li num livro que isto se chama biga... biga... uma palavra que começa com biga.

A autora da carta esclareceu:

– Esta palavra é bigamia, menino.

Os três consultaram um dicionário e leram isto:

“**Bigamo**, quem é casado ao mesmo tempo com duas pessoas.”

O lindo menino louro, conta a missivista, depois de ler isto no dicionário, e beijando as duas irmãs, entusiasmou-se:

– Quero me casar com vocês! Quero ser bí-ga-mo! Bí-ga-mo!”

Palavras finais da autora da carta:

“Escritor Fernando Jorge, achei que o menino havia ficado louco, mas eu a minha irmã, hoje acredito, gostávamos tanto dele que naquela época talvez aceitaríamos a tal bigamia. Qual é a sua opinião, escritor?”

Confesso, eu que descrevi um amor duplo verdadeiro no meu romance *Eu amo os dois*, não sou capaz de responder. Quem seria capaz: o meu amigo Ronaldo Côrtes, psicólogo sutil, admirável conhecedor dos sentimentos humanos.

Fernando Jorge é escritor, jornalista, historiador, biógrafo, crítico literário e autor do livro *EU AMO OS DOIS*, lançado pela Editora Novo Século.

Manchetes em Versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier

Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>



BAAL: UM ROMANCE DA IMIGRAÇÃO, DE BETTY MILAN

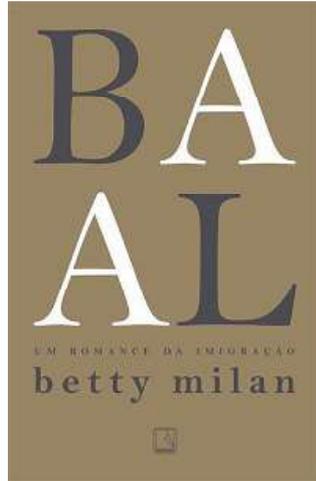
Raquel Naveira

Profundo é o drama do refugiado, daquela pessoa que, sofrendo perseguições devido à sua raça, religião, nacionalidade, deixa seu país de origem em busca de melhores condições de vida. A imigração, os grandes deslocamentos, a coragem de seguir em frente e explorar o desconhecido é a base de toda literatura épica.

Os árabes chegaram ao Brasil em fins do século XIX e no começo do século XX. Espalharam-se por todos os quadrantes. Muitos sírios e libaneses aqui desembarcaram em razão dos conflitos no Império Turco Otomano, que expulsava os cristãos de suas terras.

Vários romances tiveram como pano de fundo esse contexto: *Amrik*, de Ana Miranda, a saga vista pelos olhos de uma jovem dançarina, com o clima mágico das *Mil e Uma Noites*; *A Descoberta da América pelos Turcos*, de Jorge Amado, com libaneses se instalando na região caueira da Bahia; *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, narrando a tumultuada relação de ódio entre gêmeos, numa família de Manaus. Também eu escrevi um romance intitulado *Sob os Cedros do Senhor*, com poemas girando em torno de minha memória afetiva e comprovando que os cedros sagrados também fincaram raízes no sul de Mato Grosso.

Chega às minhas mãos *Baal*: um romance da imigração, de Betty Milan, escritora paulista, médica especializada em psicanálise na França com Jacques Lacan. Romance forte, comovente, de quem sabe trabalhar com a escuta, com a oralidade, com a rememoração. A história de capítulos curtos, que nos tiram o fôlego, é narrada por Omar, o patriarca, o personagem principal, já falecido, como se pudesse ver de outra dimensão tudo o que foi e tudo o que aconteceu depois de sua morte, numa superposição de planos temporais. “Omar” é nome típico de uma raça, um nome no qual cabe “o mar inteiro” dentro. Omar, após um incidente, é forçado a sair do seu país no Oriente Médio. A autora não cita qual seria esse país, talvez por considerar que o romance diga respeito a todo imigrante. Uma terra misteriosa, ancestral, de fenícios,



navegadores e comerciantes. Uma paisagem de contrastes e de beleza natural. De montanhas brancas de neve. De vazios e silêncios cercados por encostas rochosas. Aporta numa próspera cidade brasileira, também não revelada, mas, pelas marcas do texto, poderia ser uma São Paulo com suas mansões suntuosas dispostas com elegância pelo “espigão” da imponente Avenida Paulista. Uma cidade, onde, freneticamente, casas e prédios são construídos e demolidos no mesmo lugar.

É uma trama familiar, que abre com estas frases emblemáticas: “Aprendi a duras penas que a família pode ser uma armadilha. A gente cai nela porque prefere ignorar que o amor pode virar ódio.” Principalmente quando há interesses e uma herança em jogo.

Omar atravessara o oceano, enriquecera na mascatagem, tornando-se próspero atacadista e erguera um palácio, o Baal, para sua filha única, Aixa. Por que chamava aquela joia arquitetônica de Baal? Baal, a divindade adorada por tantas comunidades antigas do Oriente. Um deus que exigia sacrifício de crianças em rituais. Omar não explica, apenas descreve: “... um palácio que é um oásis, colunas como palmeiras e fonte que jorra continuamente. O arquiteto não poupou motivos solares na decoração... deixou os pégasos e os pássaros tomarem as frisas. O edifício foi construído por mãos de homens, mas parece ter sido feito em diferentes épocas... arcos árabes, românicos,

góticos. A natureza está tão presente fora quanto dentro. Tudo concebido para alojar várias gerações... atravessar o tempo.”

Os esbanjadores descendentes de Omar dilapidam sua fortuna. Os filhos de Aixa, Henrique, Francis e Lisa se opõem uns aos outros. Querem demolir o palácio para vender o terreno. Desalojaram Aixa, já idosa, a governanta e o cachorro Campeão para um apartamento minúsculo e sombrio, um “cubiculo”.

Do alto, de um lugar onde “já não sente calor”, Omar tudo observava indignado. Já não tem corpo, mas existe, é sobre-humano, tem necessidade de contar sua história. Constatou: “Henrique só tirou Aixa do palácio porque ela já não tem força. A idade, “artrose nos joelhos e nos pés.” Sim, a velhice, com sua fragilidade e impotência, o final de inverno e solidão, é outro tema deste romance reflexivo e pungente.

Omar reconhece, aos poucos, num processo, os seus próprios erros. Não conseguiu transmitir seus valores, não formou a filha Aixa, a “querida”, para ser sua sucessora. Viu-a apenas como uma princesa enfeitando o seu Baal, símbolo de sua riqueza, pois um palácio sem princesa não tem sentido. Percebeu tardiamente que “a segurança que a riqueza dá é ilusória”. Não fez um testamento protegendo Aixa, talvez pelo simples fato dela ser mulher.

Durante o relato, aromas e sabores de uma culinária riquíssima, onde tudo pode ser transformado em iguarias exóticas, preparadas com os frutos da terra e oferecidas generosamente, aparecem pelas mãos de Íris, a noiva, depois esposa de Omar, mãe de Aixa, “mãe de todos”. “Íris se desdobrava na casa e na cozinha. Não sabia falar a língua, mas conseguia ensinar os pratos.”

O romance transita entre fatos do passado longínquo, desde a chegada de Omar, do encontro com os primeiros patrícios e o presente, com Aixa necessitando agora de cuidados, de uma cadeira de rodas, pois “passa o dia inteiro fechada em casa”, “sonhando em voltar para o Baal, sua razão de vida”. Mergulha em delírios. Desmaia no banheiro. A decadência, o abandono.

O caso de Saad, o primeiro patrão de Omar, impressiona. Saad

era um vendedor persuasivo, para quem “qualquer casa - rica ou modesta - significava venda”, que “nunca levava a sério uma recusa”, falando e argumentando até amarrear o negócio, criou o jargão “Bom e Barato”. Vivia para os contos de réis, para o dinheiro. Dinheiro e mais dinheiro. Como Omar, também tinha uma única filha, Marta, mas trabalhava como se tivesse um batalhão. Desejava que ela se casasse com um pretendente escolhido por ele, segundo a tradição de sua aldeia. O silêncio entre pai e filha se agravava. Ela estava apaixonada, uma “paixão devoradora” por um tal de Celso. Decidem fugir. Saad vai ao enalço dos amantes e os mata, depois se suicida. Morreu “fulminado pelo ódio”, após tanta luta. A tradição da vingança.

Interessantes os acontecimentos históricos que precedem essa tragédia e o nascimento de Aixa: o final do Império, a abolição da escravatura, a proclamação da República. Omar adquire da viúva de Saad o próspero negócio do “Bom e Barato”, na hora certa, tornando-se um comerciante em grande escala.

Omar assiste à morte de Aixa, a princesa de Baal. Pune-se pelo fato de ter usado a filha. Conclui que, se ela acaso fosse sua sucessora, teria feito do palácio um memorial da imigração. Sob a luz do arrependimento, confessa que Baal foi, ao mesmo tempo, o deus do céu e do inferno. Talvez, somente nesse instante eterno de rendição, Omar tenha finalmente, encontrado a paz.

Justifica-se assim a epígrafe de T.S. Elliot escolhida por Betty Milan para o seu *Baal*:

“Morremos com os moribundos
Repara, eles se vão e nós vamos com eles

Nascemos com os mortos
Repara, eles regressam e nos trazem com eles”

MILAN, Betty. *Baal*: um romance da imigração. Rio de Janeiro: Record, 2019, 1ª edição.

Raquel Naveira é escritora e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN Clube do Brasil.



Um Livro de Sânzio de Azevedo

Dimas Macedo

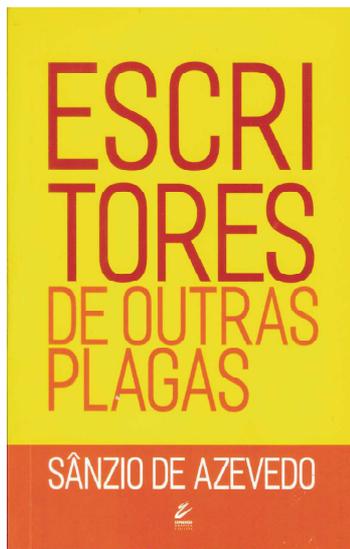
Doutor em Letras pela UFRJ (sob orientação de Afrânio Coutinho), Sânzio de Azevedo nasceu em Fortaleza (CE), a 11 de fevereiro de 1938. Publicou os primeiros livros em São Paulo, sendo ali revisor d'O *Estado de S. Paulo*. Depois de seis anos, regressou a Fortaleza, onde se graduou em Letras na UFC, da qual foi professor de Literatura por mais de três décadas.

Integrante da Academia Cearense de Letras desde 1973, onde ocupa a Cadeira nº 1, Sânzio é autor de mais de 25 livros, dentre os quais, *Literatura Cearense* (1976), *Aspectos da Literatura Cearense* (1982), *A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará* (1983, 2ª ed. 1996), *O Modernismo na Poesia Cearense* (1995, 2ª ed. 2012), *Adolfo Caminha, vida e obra* (1997, 2ª ed. 1999), *O Parnasianismo na Poesia Brasileira* (2004) e *Rodolfo Teófilo e a Saga de Jesuíno Brilhante* (2013).

Tem quatro livros de poesia publicados (*Cantos da Longa Ausência*, 1966, *Canto Efêmero*, 1986, *Cantos da Antevéspera*, 1999, e *Lanternas Cor de Aurora*, 2006) e figura, como poeta, em cerca de dez antologias, sendo autor, igualmente, do livro infantil *O Curumim Pintor e Outras Histórias* (2014).

Para a Editora Global de São Paulo, na série *Melhores Poemas*, organizou os volumes *Parnasianismo* (2006) e *Alberto de Oliveira* (2007), publicando, em 2012, o ensaio *Relendo Guilherme de Almeida*, editado por Clauder Arcanjo. Tem artigos em periódicos do Brasil e até do exterior, de que é exemplo, a revista *Colóquio/Letras* de Lisboa, pertencendo, como sócio titular, à Academia de Letras do Brasil.

O ensaísta, em Sânzio de Azevedo, não é superior ao poeta; e o biógrafo ombreia-se com o historiador da Literatura, sendo ele o nosso maior representante nessa seara, onde pontifica pela seriedade e a precisão de suas pesquisas e pelo cotejamento de seus achados históricos, merecendo destaque, entre seus livros, aquele intitulado *Para Uma Teoria do Verso* (1997).



Os títulos de Doutor, acadêmico e professor universitário apenas corroboram a sua autoridade e os valores da sua maestria, lastreada na seriedade, na simplicidade e na correção dos seus estudos, onde se desvelam a precisão e a erudição do seu estilo e a leveza da sua linguagem.

Em *Escritores de Outras Plagas* (Fortaleza: Expressão Gráfica, 2020), seu último livro publicado, Sânzio reuniu um conjunto de ensaios sobre autores que não nasceram no Ceará, campo de predileção de suas pesquisas. Escolheu outros expoentes da Literatura, não apenas de língua portuguesa, como é o caso de Victor Hugo, escrevendo, entre nós, o estudo mais acabado acerca da produção desse romancista.

Orgulho-me de ser amigo de Sânzio de Azevedo, e o convite que ele me fez para escrever esta apresentação, eu o recebo como uma distinção e o aceito como um privilégio, ou como honra que se renova para celebrar a estima e o grande afeto que nos une como poetas e estudiosos da Literatura cearense.

Dimas Macedo é escritor, poeta, ensaísta, crítico literário, professor, jurista, membro da Academia Cearense de Letras e Mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará.

CAFÉ COADO NA HORA

Cláudio de Cápua

Eu me considero mandioca, por gostar de música raiz. Às sextas-feiras, vou ao Vem Lá da Roça, uma cafeteria típica caipira, para uns goles de café, ao som de uma viola.

Num desses fins de semana, ante um café coado na hora, eu me transportei, para minha infância, na década de cinquenta. Lembrei-me de minha bisavó portuguesa, Delfina, a única da família não italiana, ela era da cidade do Porto.

Delfina foi governanta da casa do renomado arquiteto português Ricardo Severo casado com Francisca, irmã mais nova do "Pai da Aviação", Alberto Santos Dumont. Contava a bisavó que, quando ele retornava da Europa, por muitas vezes se hospedou na casa da irmã Francisca. Nessas ocasiões, Delfina era encarregada de servir nosso ilustre patricio, que, segundo a bisavó, sempre muito cordial e um tanto introvertido na hora do lanche, enquanto lhe era servido o café coado na hora, em tom de pilhéria

dizia: "O café é preto no pé é verde, depois é vermelho".

Por minha vez, observei, na cafeteria, um casal de namorados envolto pelo aroma do café coado na hora. Servido em canequinhas de ágata, mantinha o clima romântico de novas emoções unindo dois corações num só coração, no pulsar forte de momentos felizes.

Ah! Que cheiro bom tem o café coado na hora! - Nos leva a amizade e à sinceridade. Santos Dumont, só pode realizar com sucesso o sonho do voo do "Mais Pesado que o Ar", graças ter recebido de seu pai, recursos financeiros, para suas experiências bem-sucedidas provenientes do café, tinha razão ao dizer: "O café preto no pé é verde, depois é vermelho".

Concordamos com Santos Dumont. Que gostosura o café coado na hora! Bom demais, Sô!!!

tema: Café - Menção Especial Concurso Oficina Cultural Vale das Artes - Peruíbe/SP

Cláudio de Cápua é jornalista, escritor e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santos.

DECIFRA-ME

Amaryllis Schloenbach

A Esfinge me intercepta,
zombeteira, repete às gargalhadas:

- Quatro, dois, três!

Eu escuto, medito, junto forças,
prossigo, e, apaziguada, sorrio!

Amaryllis Schloenbach é escritora, poeta, jornalista e advogada.

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



SORTE DO CÃO

Yara Camillo

Uma cerveja, na saída do plantão? – diz a mensagem de Alex.

Não, amor. Célia gripada. Turno dobrado – Leda responde.

Então, café, amanhã cedo?

Sim. Saio às 7.

Ok. Beijo.

O tempo flui devagar, nenhum cliente, quase meia-noite e Leda pede um lanche por telefone. Está quase terminando de comer, quando a mãe liga para falar do almoço de domingo e pergunta:

– Você sabe que dia é amanhã?

– Mãe, eu nem sei que dia é hoje.

– Dia em que seu irmão nos deixou – diz a mãe, projetando no futuro o filho morto.

Leda abandona o lanche:

– Quanto tempo? Dez anos, já?

– Onze. Lembra?

Leda prefere evocar outra lembrança, o último aniversário naquele casarão antigo da Vila Sônia, tão perto da USP que dava para ir a pé até o campus, um mundo sem fim de verde, concreto, cores e aquele cão esquálido que Adel levou para casa.

la ser veterinário, Adel; não deu tempo. Não deu tempo para tanta coisa.

Para Leda, sim, um golpe de sorte sua entrada na Veterinária (ela que pensava, vagamente, em Letras): *lucky strike*, como o cigarro que fumava com Adel, na adolescência, às escondidas. Tinha prestado exame apenas para *sentir o drama*, como se dizia na época, e então a surpresa, a boa notícia. O curso, havia escolhido por graça e homenagem ao irmão que, ao contrário dela, sempre sabia o que queria.

Mas, também, quando fora diferente? Adel, nascido de mãos dadas com o inesperado, surpreendia sempre: a mãe esperava menina, com o nome escolhido: Leda. Vieram gêmeos.

Assim Leda e Adel tinham nascido e crescido juntos, mais que juntos, mais que irmãos, um amor que tinha vindo pronto e então Adel voando de repente, largando o mundo inteiro de pernas para o ar e mais ainda Leda, que passou a invocar doenças, tragédias, buscando a passagem para segui-lo. Mas, o Tempo, como imperceptível mão, o Tempo a levava e ela se deixava ir pelos dias, pelos fatos, contagiando-se aqui e ali de uma vontade ou outra, até descobrir-se viva

como antes. Como nunca. Ou como nunca antes.

Assim havia escrito, ao ver seu nome na lista de aprovados daquele ano em que tudo parecia recomençar:

E por falar em presente e esse ensaio de futuro a que ando me obrigando ultimamente, arrisco uma oração profana em teu louvor, Adel: nesse voo rasante sobre águas espelhadas, tanto te vejo em mim, que chego a crer que tudo volta a ser como antes, assim como no princípio do nosso sempre amor, amém.

Foi a última tentativa de escrever; era como se o ato de deixar Letras, em função da Veterinária, de deixar-se em função de Adel, resultasse também em outro abandono, o das Palavras.

O depois foi o depois, a Veterinária sendo a princípio uma incógnita e então a constatação de que aquele era mesmo seu caminho, como pudera passar anos sem saber? Da paixão pelas Letras, permanecia a leitura: desse adorável vício, não abriria mão.

Nesse jogo de idas e vindas entre amanhã e ontens, Leda se distrai e a mãe se queixa:

– Você nem está me ouvindo...

– Desculpe, estou cansada, dobrando o plantão, cobrindo uma falta.

– Eles fazem isso porque você é nova, na clínica. Aproveitam quando a pessoa é inexperiente. Mas quando a gente começa num emprego, tem mesmo de suportar esses abusos.

– Ninguém abusou de ninguém, mãe, nada aconteceu, só uma gripe da Dra. Célia. Agora preciso desligar, estão tocando a campainha.

Leda guarda os restos do lanche num armário e corre até o portão, onde um homem espera, com um cão trêmulo nos braços.

Leda o recebe e enquanto cumpre os gestos automáticos de fechar o portão, conduzir o homem ao consultório, lavar as mãos, abrir uma gaveta, pegar o material necessário aos procedimentos básicos, traça um quadro da situação: animal subnutrido, provavelmente resgatado da rua, não parece envenenado, ainda bem, mas talvez uma virose...

Lembra-se então que saltou as preliminares: anotar nome, endereço, telefone do proprietário, nome do

animal, raça, idade, sintomas, “como soube da nossa clínica... foi indicação de terceiros ou o senhor nos encontrou pela internet?”

Agora é tarde, cuidará das formalidades depois.

Um ruído, um sobressalto, ganidos de medo e dor. Leda se volta para o homem, que deixou cair o animal e agora anuncia o assalto.

O tempo para.

Leda pisca uma, duas vezes. Quer tirar os óculos. Não se atreve. O gesto pode assustar o homem e abrir de vez as portas do inferno.

O cão se arrasta, buscando refúgio sob a mesa.

Leda tenta pensar. O medo não deixa. Consegue apenas se perguntar se morrerá naquela noite, naquela hora, se tudo vai acabar assim. Olha nos olhos do homem. Sabe que não deve, porque é quase um pedido de morte, porque vai gravar aquele rosto e depois... Não sabe se haverá um depois.

– Esse cachorro... – diz Leda, mas compreende, antes que ele responda: encontrou o animal na rua, usou-o para fazer o assalto, agora é melhor entregar tudo, antes que...

Leda não espera mais. Trêmula, vai até a recepção, abre a gaveta, não sabe ao certo quanto tem ali, ainda não fechou o caixa, quase ninguém usa dinheiro, hoje em dia. Mas entrega tudo ao homem, que ordena:

– Agora, sua bolsa.

Leda obedece, é tudo muito rápido, o homem faz uma inspeção geral, recolhe objetos, corta o fio do telefone fixo, pergunta:

– Cadê seu celular?

– Na bolsa.

Ele sai, batendo o portão, atravessa correndo a avenida, desaparece no pátio do hipermercado em frente.

Leda volta ao consultório, desaba na cadeira, olha para o cão que se ergue com dificuldade, abana a cauda, produz um som que apenas lembra um latido.

Leda faz o que deveria ter feito momentos antes, uma eternidade antes: coloca o animal sobre a mesa, examina-o, ouve o celular e custa a compreender: tinha-o deixado no armário, junto com os restos do lanche.

O primeiro impulso é falar com o namorado, avisar a polícia, os colegas da clínica, melhor nem dizer à mãe. Mas Leda se dá uma pausa, antes do alarme geral. Recosta-se na cadeira, fecha os olhos, respira. Preciso, precioso tempo. Há quanto tempo não pensa em si mesma, há tanto tempo acorda e age e dorme em função de alguém, mãe, namorado, amigos, clínica... Mal acredita nessa calma inesperada que agora vem, que a surpreende e quase alivia.

Olha para o cão:

– O que vou fazer com você?

O cão se aproxima, e depois um pouco mais, até roçar seus pés, onde apoia a cabeça.

Yara Camillo é escritora, contista e tradutora. Formada em Comunicações, Cinema, pela FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado. Autora dos livros de contos Por Assim Dizer (Patuá), Volições (Massao Ohno Editor) e Hiatos (RG-Editores). yaracamillo@gmail.com

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



Palavra brincada

Dinovaldo Gilioli

Não sou afeito apenas a palavras formais, essas que se encontram somente nos dicionários oficiais. De vez em quando, para desespero dos pais de minhas netas, invento algumas e saio - sem nenhum cuidado, balbuciando para as pequenas. Uma delas, geralmente me chama a atenção: "vovô, essa palavra não existe". Não deixo por menos e respondo na lata: não existia, acabei de inventar! Pelo meu comportamento, digamos, quase infantil, no final a gente se acerta e segue o baile.

A verdade é que o universo das palavras não tem dono e elas não se submetem a qualquer tipo de controle. Esses dias, observando de longe, vi uma delas conversando com as minhas netas. Conversando não, fazendo intrigas. Ela teve (a tal palavra) a petulância de dizer para as meninas: "O vovô de vocês é meio malucóide, esses dias eu o peguei contando estrelas. Já não bastasse, dava nome para cada uma delas". O pior de tudo, é que as pirralhas concordaram com essa palavra sem noção.

Essa sim, deveria ficar presa para sempre num dicionário oficial à fim de aprender a não falar mal dos outros. Dos outros não, de um vovô, ora bolas! Afinal, não é normal contar estrelas e dar nomes pra elas? Quem já não fez isso um dia. Essa palavra deve ser muito exibida, dessas que se acham o máximo estar num dicionário formal. Se acham importante, estar imponente numa estante.

Por certo, a atitude da tal palavra deve ser por frustração. Ela queria mesmo ser uma palavra inventada, dessas que voam sem asas, que atravessa o mundo num segundo. Não a culpo, pelo contrário. Deve ser um horror estar solitária num dicionário, no meio de tantos vocabulários.

Pra estória não ficar arrastada por aqui vou encerrando, e com as crianças me inspirando a também brincar com palavras.

Dinovaldo Gilioli é escritor e poeta. Tem 7 livros publicados. Dentre eles: Cem poemas (editora da UFSC) e Inventário de Auroras (editora Costelas Felinas).

Livros

Pôr a Poesia seguido de espiral, ensaios e poesias, de Gledson Sousa, Editora Córrego, São Paulo, 112 páginas.

ISBN: 978-85-7039-042-4.

O autor é escritor, poeta, prosador e ensaísta. Formado em História, com especialização em História da Arte.

A obra reúne o ensaio *Pôr a poesia* e o poema *Espiral*, de Gledson Sousa, que apresentam uma visão sobre o que é ler e escrever poesia num tempo como o nosso.

O poema *Espiral* é rico em imagens e plasticidade poética.

O livro está sendo bem divulgado na América Latina.

Editora Córrego: <https://editoracorego.minhalojuol.com.br/home>



Concursos

Prêmio LeYa 2021, destinado a obra inédita de ficção literária, na área do romance, está com inscrições abertas até o dia 31 de abril.

Premiação: 50.000 (cinquenta mil) euros e a edição da obra.

As obras deverão ser enviadas para Prêmio LeYa 2021 - Rua Cidade de Córdoba, n.º 2 - 2610-038 - Alfragide - Portugal.

Os originais não serão devolvidos. Deverão ser enviados em uma cópia em papel, no formato A4, com um mínimo de 200.000 caracteres, incluindo espaços, acompanhados de uma gravação em formato digital: CD ou PEN.

É obrigatório o uso de pseudônimo. As obras concorrentes deverão ser acompanhadas de uma sinopse de 15 a 20 linhas, redigida em folha separada.

A título de direitos de autor, aplicar-se-á o seguinte: 8% do preço de venda ao público (no caso de edições cartonadas ou brochadas) e 5% do preço de venda ao público (no caso de edições de bolso), sobre cada exemplar vendido.

O autor da obra premiada cederá à LeYa o direito exclusivo de explorar comercialmente sob todas as formas e em todas as modalidades, em todo o mundo. Este direito inclui a tradução para qualquer língua e o direito de adaptação teatral, cinematográfica, televisiva, vídeo, do qual o autor terá direito a 60% do montante líquido que a LeYa venha a receber.

Regulamento: <https://www.leya.com/pt/gca/areas-de-atividade/premio-leya/regulamento-premio-leya-2021/>

BAILE DE MÁSCARAS

Wilson Luques Costa

para Rosani

Homens atropelam-me
Vindos de seus bailes de máscaras
Ponho meu sapato
Mocassim damasco e caminho
Pelas alamedas pensando
Em Tessália Halicarnasso
Éfeso e Esmirna
A menina do outro lado da calçada
É minha Cólquida perdida
Seus cabelos de cor sépia
Lembra-me oxidados astrolábios
Há muito que naufrago
Neste mar imenso e revolto
Ó Zeus dá-me as tuas argos
E deixa-me partir para Bizâncio

Wilson Luques Costa é escritor, poeta, jornalista, com especialização em pós-graduação em Psicologia pela USP e em Filosofia pela Unesp.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELhado

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA
Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS
Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



Notícias



Ignácio de Loyola Brandão e Maysa Furlan

Ignácio de Loyola Brandão, escritor, contista, romancista, jornalista e membro da Academia Brasileira de Letras, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela UNESP, no dia 28 de janeiro, no auditório do Conselho Universitário, em cerimônia de outorga restrita por causa do Covid-19. O título foi concedido em outubro de 2020 conforme proposta do diretor Cláudio César de Paiva. A mesma foi aprovada pela Congregação da FCLAr e pelo Conselho Universitário da UNESP. Loyola recebeu a láurea da Vice-reitora da UNESP Maysa Furlan. Ignácio de Loyola Brandão nasceu 31 de julho de 1936 em Araraquara (SP). Estreou na Literatura com o livro de contos *Depois do Sol*, em 1965. Tem obras publicadas de esporte, crônica, conto, romance, não-ficção, viagens, infanto-juvenis, biografia, teatro e relatos autobiográficos. Foi agraciado com o Prêmio Jabuti de melhor ficção (*O Menino que Vendia Palavras*, 2008), com o Prêmio Fundação Biblioteca Nacional melhor livro infanto-juvenil (*O Menino que vendia palavras*, 2007) e com o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da sua obra - 2016.

A Câmara Mineira do Livro elegeu nova diretoria para o biênio 2021/2022 que tem como presidente Gláucia Gonçalves, Felipe Mayrink (vice-presidente), José Henrique (secretário) e André Teles e Marcus Teles (tesoureiros).

Daniel Napp lançou *Como surge o livro infantil: Da ideia à prateleira* pela SESI-SP Editora. www.sesispeditora.com.br

A Academia Paulista de Letras está com inscrições abertas para a cadeira número 7 que foi ocupada por Anna Maria Martins. Os interessados deverão enviar correspondência física e integrada através de ofício ao Presidente da Academia Paulista de Letras José Renato Nalini. Anexar a inscrição e sua justificativa, currículo-vitae e todos os livros e publicações. Apenas serão consideradas as inscrições que atenderem aos requisitos dos artigos 34 e 35 do Estatuto da entidade. O prazo de entrega da inscrição é até às 18 horas de 8 de março de 2021, no Largo do Arouche, 312. Betty Vidigal, Cecília M. do Amaral Prada, Eliana Anastasia Cardoso, Joaquim Maria Botelho e Leandro Karnal foram os candidatos inscritos até o fechamento da edição de fevereiro.

Paulo Ribeiro da Cunha lançou a 2ª edição revista e ampliada de *Militares e militância: Uma relação dialeticamente conflituosa* pela Editora UNESP. O autor acrescentou o capítulo sobre o papel dos militares desempenhados no governo de Jair Bolsonaro.

João Lara Mesquita, músico, jornalista e fotógrafo, foi eleito para a cadeira nº 17 da Academia Paulista de Letras que foi ocupada por Zuza Homem de Mello.

Sérgio Giacomelli lançou *D'angelo - O Viajante de Conca*, romance pela Vereda Editora. A história se passa na Itália em 1949.

Margaret A. Boden, pesquisadora britânica e uma das maiores autoridades em ciência cognitiva, lançou *Inteligência artificial: uma brevíssima introdução* pela Editora UNESP.

A Livraria Timbre, localizada na Gávea, no Rio de Janeiro, encerrou as atividades no dia 31 de janeiro após 41 anos de atividade.

Pilar Quintana, escritora colombiana, com o romance inédito *Los abismos*, foi agraciada com o Prêmio Alfaguara 2021. A laureada receberá a importância de US\$ 175 mil e seu livro será lançado no dia 25 de março.

Juliana Valentim, jornalista e escritora, lançou *O Abrigo de Kulé* pela Editora All Print. O romance tem como tema central o trabalho escravo nas fazendas brasileiras na década de 40.

Henri Cartier Bresson lançou *Henri Cartier-Bresson - Fotógrafo* pela SESI-SP Editora. A obra reúne 150 fotos tiradas ao longo dos seus 50 anos de carreira. O autor é pioneiro na revelação do cotidiano na União Soviética.

O Prêmio Literário Flipoços divulgou os finalistas nas categorias Infantil e Juvenil. <http://www.flipoccos.com/premio-literario-flipoccos-amare.html>

Aspectos do Novo Radicalismo de Direita, de Theodor W. Adorno, com tradução de Felipe Catalani, foi lançado pela Editora UNESP.

Raquel Naveira participará do 81º Clube de Leitura da Academia Paulista de Letras (virtual), com o livro *Leque Aberto*, no dia 25 de março, quinta-feira, às 19 horas. Largo do Arouche, 324 - República. Tels: (11) 3331-7222 - 3331-7401 - 3331-1562.

A 34ª Edição de Nossa Gramática Completa, de Luiz Antonio Sacconi, com 512 páginas e 42 capítulos, foi lançada pela Matrix Editora.

O Bom Contágio, livro publicado pela Editora Best-Seller, da Monja Coen Roshi que faz uma reflexão necessária e honesta sobre um momento tão difícil para a sociedade: a pandemia global causada pela COVID-19.

A Associação Americana de Editores de Audiolivros realizará sua conferência anual nos dias 4, 6, 10, 11, 12 e 14 de maio, com programação virtual.

Renata Aguilár, escritora, neuropsicopedagoga e professora, lançou o livro *Aurora Boreal, uma descoberta além das cores*. professorarenata.aguilar@gmail.com

A Editora UNESP lançou novos cinco títulos da coleção Clássicos da Literatura UNESP. As obras editadas foram *Urupês*, de Monteiro Lobato; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Oliver Twist*, de Charles Dickens; *O falecido Mattia Pascal*, de Luigi Pirandello; e *Eugénie Grandet*, de Honoré de Balzac.

A Associação Brasileira de Direitos Reprográficos derrubou na Justiça duas plataformas - *forumninja.org* (site em português do Brasil registrado em domínio estrangeiro) e o grupo Livros para Baixar do Facebook - que pirateavam obras literárias na internet através de arquivos em PDF.

Ulysses Pessanha da Silva, poeta, cronista, contista e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão, faleceu no dia 7 de janeiro, aos 92 anos. Nasceu em 29 de janeiro de 1928 em Campos dos Goytacazes (RJ). Autor do livro de poemas *Ecos de Mim*, entre outras obras.

A Bienal do Livro Rio lançou sua plataforma digital, um *hub* de cultura e mercado literário, em www.bienaldolivro.com.br. O acesso é gratuito.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

